

# Artigos

Sônia de Holanda Arruda<sup>1</sup>

## Ser e ter: O levantamento dos pertencimentos de pessoas com deficiência na educação regular

Este artigo tem por finalidade demonstrar os resultados encontrados em pesquisa de iniciação científica postulada como “Ser e ter. O levantamento dos pertencimentos de pessoas com deficiência na educação regular”, que se objetivou analisar como se processa na escola - como um espaço demarcado da vida social - a interação das crianças em sala de aula regular de ensino, por um grupo composto, especificamente, pela participação de crianças com algum tipo de deficiência e os profissionais desta instituição escolar, em diferentes espaços/tempos em uma escola regular de ensino no município de São Paulo, por meio de uma pesquisa com abordagem etnográfica.

Palavras chave: educação infantil; crianças com deficiência; pesquisa etnográfica.

## Being and owning: the belonging of people with disabilities in regular education

This paper aims to demonstrate the results of research in scientific initiative postulated as “Being and having. The survey of the belongings of people with disabilities in regular education, “which aimed to analyze how processes at school - as a demarcated area of social life - the interaction of children in regular classroom teaching, by a group specifically the participation of children with a disability and professionals that the school, in different space / time in a regular school education in the city of São Paulo, through an ethnographic approach to research.

Keywords: early childhood education, children with disabilities, ethnographic research.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela USP. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo FEUSP. Email: Sonia.arruda@usp.br



## Introdução e justificativa

Parte-se do princípio que educar em uma instituição regular de ensino constitui-se, prioritariamente, como uma atividade relacional, na qual há uma diversidade de fatores que incidem sobre diferentes sujeitos envolvidos, tais como raça, credo religioso, gênero, etc. A inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular, faz a escola abarcar uma maior diversidade em uma instituição já tão heterogênea. Analisar como se processa na escola a entrada dessas pessoas com deficiência, que historicamente foram separadas do convívio relacional, pode propiciar uma maior compreensão sobre a diversidade que está presente nessa instituição, revelando como acontece a interação social do grupo escolar.

Procurando compreender os processos que engendram a inclusão de crianças com deficiência na escola, se propõe, por meio de uma pesquisa com abordagem etnográfica, observar em uma sala de Educação Infantil de uma escola municipal de São Paulo - SP, como as crianças sem deficiência interagiram com crianças que possuem deficiência intelectual e física.

Ao se observar o cotidiano escolar, a modalidade de ensino, traz suas particularidades. Na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, a criança tem geralmente o primeiro contato com outras crianças e adultos que não estão no seio das relações familiares estabelecendo, assim, relações com novos atores sociais como colegas de turma e professoras<sup>1</sup>.

Relacionar-se socialmente é um aprendizado, que a pessoa constrói durante toda a vida, a importância deste aprendizado em crianças iniciando seu processo de escolarização é fundamental para a desconstrução de preconceitos e estereótipos que a sociedade ocidental historicamente se utilizou para segregar certos grupos, como negros e mulheres. Ao adentrar na Educação Infantil, a criança tem a oportunidade de se relacionar com diferentes sujeitos, e a partir daí de romper com formas de preconceitos sociais historicamente estabelecidos.

Neste sentido, a inserção da criança com deficiência na escola pode propiciar a desconstrução de preconceitos, auxiliando os diferentes agentes escolares a lidarem com esta nova configuração social. Em uma ideia de educação conhecida como inclusão escolar<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Neste trabalho utilizamos o termo professoras, pois as mulheres constituem prioritariamente o quadro de docentes na Educação Infantil.

<sup>2</sup> A educação inclusiva é compreendida neste trabalho como um esforço social e, sobretudo, dos diferentes sujeitos que estão envolvidos na escola de acolher a pessoa com deficiência em todos os âmbitos da vida escolar, entre eles a interação social, o conteúdo do currículo e o aprendizado. Porém, como aqui se trabalha a questão dos pertencimentos das crianças com deficiência na Educação Infantil será focado os aspectos da interação social e brincadeira, norteadores dos trabalhos neste nível de ensino, segundo os documentos referenciais da área.

A educação inclusiva é uma ideia que tomou corpo no Brasil após os anos de 1980, superando o paradigma no qual o indivíduo com deficiência é que teria de se integrar a sociedade sem o esforço desta.

Nesta ideia de educação não são as pessoas com algum tipo de deficiência que se integram a sociedade e a instituição escolar em si, mas todos os agentes escolares se mobilizariam para haver um esforço coletivo de incorporar todos os sujeitos nos diferentes grupos de crianças que se interagem na escola.

A fim de analisar se esta ideia de educação inclusiva pode ser percebida na escola, o objetivo desta pesquisa é adentrar na instituição escolar e observar por meio de uma investigação com abordagem etnográfica a educação inclusiva que possui em uma mesma sala, crianças com deficiência e crianças sem deficiências.

O foco da pesquisa está em observar o cotidiano escolar para compreender como acontece a interação de uma criança com deficiência intelectual e física com crianças que não possuem deficiência levando-se em conta que há outras formas de relações agindo sobre o grupo, tais como relações de gênero, de idade, econômicas e etc. Analisar as interações do grupo tentando identificar de que forma estas crianças foram inseridas dentro do contexto social relativo ao grupo em que se encontram, ou seja, quais são as normas, valores e regras sociais estabelecidas neste grupo dentro da sala, no que concerne à questão da deficiência.

Ao observar e analisar o cotidiano escolar pode-se contribuir com os atuais questionamentos de como se dá a inclusão de crianças com algum tipo de deficiência na escola regular, demonstrando quais são as práticas encontradas na escola observada. Ao conhecer a interação entre as crianças pesquisadas pode-se compor uma reflexão que permite enfocar as relações sociais entre os pares, a presença de estigma da criança com deficiência pelas demais crianças, a exclusão destas crianças no interior da escola e as barreiras impostas a estas pelos demais agentes escolares.

Questionar a atuação dos diferentes atores que compõe o grupo escolar, refletindo sua interação social, por meio de uma pesquisa que analise o cotidiano educativo se mostra importante para conhecer os detalhes da educação inclusiva.

## Metodologia

Pesquisa teórica: em periódicos, banco de teses da Capes, e artigos científicos que enfocaram as seguintes temáticas: educação inclusiva, educação com abordagem etnográfica e estigma. Levantamento de dados a partir da observação em uma pesquisa com abordagem etnográfica do grupo de estudantes em uma sala de aula inclusiva em escola pública. A sala de aula escolhida foi de educação infantil, turma que concerne a crianças de quatro e cinco anos, em uma escola municipal da cidade de São Paulo. A pesquisa com abordagem etnográfica pode auxiliar a compreensão de um novo cenário educativo já que surge da observação de uma pequena parte para o todo, como é em uma sala de “educação inclusiva”, auxiliando a compreensão da prática do cotidiano.

## Resultados

Para investigar a educação inclusiva no ensino público brasileiro optou-se por realizar uma pesquisa com abordagem etnográfica de cunho qualitativo. Os estudos de Geertz, 1989, demonstraram que este tipo de pesquisa, como uma observação detalhada de certo contexto pode auxiliar na compreensão em que fenômenos simbólicos e culturais de determinado grupo social acontece.

Optou-se pela modalidade da observação participante na qual se estuda o cotidiano de um grupo social, cujos diferentes atores se relacionam, o pesquisador se constitui como novo ator neste contexto, interagindo e se relacionando com o grupo.

As observações foram iniciadas no segundo semestre de 2012, em uma frequência de duas a três vezes por semana e a instituição de ensino escolhida foi uma EMEI situada na Freguesia do Ó, município de São Paulo, SP.

A EMEI em estudo é uma escola pequena que recebe crianças de três, quatro e cinco anos de idade, divididas em seis salas que funcionam em dois períodos, matutino e vespertino, compondo doze turmas, cada sala de meninas e meninos de até quatro anos pode receber no máximo vinte e cinco crianças e as salas com infantes até seis anos recebe em torno de trinta crianças. A escola atende meninas e meninos provindos de famílias relativamente diversas como filhas e filhos de trabalhadores em casas de famílias, secretarias, atendentes de telemarketing, seguranças, professores, diretores de escola etc.

Quanto à configuração familiar das crianças que frequentam a escola, notou-se a presença de famílias nucleares, mães que são arrimos de famílias, crianças que moram com seus avôs ou outros parentes. Essas famílias são em sua maioria oriundas de estados do nordeste, Minas Gerais, São Paulo e algumas bolivianas.

Logo no primeiro dia de observação pode-se notar que o espaço da creche não estava estruturado e\ou organizado para o atendimento às especificidades das crianças atendidas, sobretudo quando essas meninas e meninos possuíam algum tipo de deficiência.

As observações concentram-se nas vivências de Nicole<sup>3</sup> e suas relações com a turma de colegas, professora, auxiliar de vida escolar e demais funcionários da EMEI.

Nicole tem cinco anos, é negra, “conversadeira”, curiosa e possui entre tantas outras características deficiência física e intelectual. Precisa de auxílio para se locomover, se alimentar e se higienizar.

Qualquer indivíduo tem em seu corpo as delimitações primeiras que influirá nas interações sociais, ser mulher e branca nesta sociedade é diferente de ser homem e branco ou mulher e negra, desta mesma forma, uma pessoa com deficiência, assim como Nicole, carrega no corpo atributos que a constituem na relação com seus pares, esses atributos podem, dependendo da forma em que recebem a garota ser configurada como estigma.

Segundo o laudo médico<sup>4</sup>, Nicole possui CID 10, F70 retardo mental<sup>5</sup> leve, G 80.9 paralisia cerebral não especificada, E 45 atraso do desenvolvimento devido à desnutrição protéico-calórica.

LISTA CID-10 - A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (também conhecida como Classificação Internacional de Doenças – CID 10) é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e visa padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde. A CID 10 fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças. A cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código CID 10.

O sentido de pertencimento de Nicole acontece por meio de suas interações com a sua professora, sua auxiliar de vida escolar e os amigos da turma.

As crianças presentes na turma assim como nos diz Prado, são de origens diversas.

No caso do Brasil, país em que desde o século XVII convivem índios, negros, brancos e europeus de tantas nacionalidades, a creche pode situar-se como espaço que contempla sujeitos de origens sociais e culturais diferenciadas, evidenciando a diversidade sociocultural, produto e produtora de história, num espaço garantido e comprometido com a Educação Infantil, espaço de convívio com as diferenças, espaço

---

3 Os nomes utilizados neste trabalho são todos fictícios

4 O laudo médico foi apresentado pela professora de Nicole à pesquisadora.

5 A designação de retardo mental estava descrito no laudo e, portanto foi reproduzido aqui.

de brincadeiras e de outras manifestações culturais, espaço de educação de crianças e também de adultos. (PRADO, 1999, p. 111)

A turma observada é constituída de crianças oriundas de famílias de baixa renda, filhas e filhos de trabalhadores, de diferentes origens sociais, econômicas, culturais. O desafio para a professora desta turma é o de como lidar e articular as diferenças sociais, econômicas, culturais e individuais, a fim de propiciar a interação social e a brincadeira (foco do trabalho na Educação Infantil) entre todas as crianças.

As crianças observadas compõe uma turma atípica, pois possui apenas doze crianças de mini-grupo entre três e quatro anos, enquanto a média de crianças por turma na escola é de vinte e cinco crianças. Durante as observações presenciou-se a entrada e saída das crianças, atividades na sala, no parque e na sala de informática, o lanche e o almoço, além das rotinas de higiene, objetivando atentar para as relações entre as crianças e os adultos, nas quais Nicole estivesse presente.

Aos poucos a presença da pesquisadora na sala se transformou em uma constante, e os comportamentos das crianças, professora e auxiliar de vida escolar foram se tornando mais corriqueiros, sem tanta atenção ao que a pesquisadora estava observando.

O tratamento que Nicole recebia era, em geral, acolhedor, conhecia e conversava com todos os adultos da escola, parada pelos corredores, sempre era paparicada pelas faxineiras, inspetoras, secretárias da escola. Já Yasmin era muitas vezes tratada com indiferença, vista, na maior parte do tempo como alguém que possui deficiência, no qual a deficiência representava algo negativo.

“No sentido de tentar entender as relações entre criança, brincadeira, cultura e educação, nos aventuramos a reimaginar a infância, e ao reimaginá-la, acreditamos na possibilidade de se encontrar a própria vida” (Fantini, 1996, p.3).

Quando se pressupõe que as crianças não são apenas meras reprodutoras de culturas, mas também produtoras de novas formas de culturas, presentes nas ressignificações do brincar e nas relações sociais, levamos em consideração as apropriações feitas, pelas crianças, no cotidiano, como apropriações atribuídas de sentidos e significados que revelam os códigos presentes naquele grupo.

Para tanto é preciso reimaginar a infância, assim como no excerto retirado da obra de Fantini, colocando a criança como central na educação, para a partir de então procurar entender as relações que meninas e meninos estabelecem na escola.

Tendo como premissa a ideia de crianças como produtoras de cultura e que esta deve ser cheias de significados, observar as relações e interações das crianças pode levar a compreensão de

como acontece à inclusão na escola. Certo dia pôde-se observar o seguinte acontecimento.

No primeiro dia quando conheci Nicole, sentei-me à mesa de Nicole e Nicholas a professora me apresentou para a sala e apresentou as crianças, Cauã chegou atrasado, quando Cauã se aproximou da mesa, Nicole o apresentou, ela disse:

- Ele é o meu amigo!

Então eu perguntei ao Cauã:

- Há, então, Nicole é a sua amiga?

- É. A Nicole é minha amiga;

Nicholas que já estava sentado na mesa virou e disse;

- A Nicole também é minha amiga.

(Caderno de campo)

Este momento de interação entre as crianças revela que Nicole é vista pelos colegas como alguém “além do estigma”, ou seja, a marca do estigma está presente no corpo de Nicole, em suas caracterizações pessoais, mas as outras características e potencialidades, como a do brincar, estão presentes e são apreciadas pelos colegas.

Para Goffman um sujeito só terá um estigma se não for aceito totalmente pelo outro. É na relação com o outro que alguém se tornará um estigma. O que se pode analisar nesta cena é a aceitação das demais qualidades de Nicole, pelas crianças da sala, experienciando a amizade da menina para “além do estigma”. “O que é preciso é uma linguagem de relações e não de atributos”. (Goffman, 1991, p.6) É na relação que o estigma será construído ou desconstruído, neste exemplo pode-se perceber a desconstrução do estigma e a construção de uma relação de amizade.

Essa mesma relação pode ser compreendida por meio da história de Pedro e Tina, que foi lida para as crianças em sala, e que pode ensinar a todos, que apesar dos atributos diferenciais que distintos sujeitos possuem estes ainda podem ter uma relação de amizade.

A história mostra que algumas características que os indivíduos detêm podem ser exaltadas ou não, a depender da circunstância, a depender da situação. Cada indivíduo possui características das quais se orgulham e das quais não se orgulham. Da mesma forma, este indivíduo, encontra, nos outros, características das quais aprecia e outras que não lhe agradam. O que a leitura do livro demonstra é que o ser humano pode aprender a lidar com o outro e aprender a lidar com si mesmo

por meio do outro, ainda que haja alguns atributos que sejam mais valorizados que os demais. Isso foi o que aconteceu, na sala de Nicole, neste pequeno grupo. Um grupo de amigos.

Compondo uma rede de significados, meninas e meninos são tidos como capazes de, não somente receber influências de diferentes contextos nos quais estão inseridas, como também construí-los e marcá-los com suas ideias e realizações. (GOBBI, 2007, p.30)

A turma observada apesar de receber toda a influência histórica de uma sociedade que durante séculos segregou a criança com deficiência criou sua rede de significados, assim como diz Gobbi, para construir seu próprio contexto e uma relação a partir das suas ideias e realizações.

Em outro momento, enquanto as crianças brincam com jogos de montar, surgem diversas formas como pirâmides, sereias, aranhas, formigas, lobos. Além de situações complexas, como, a sereia estar na água junto com a aranha e as duas precisarem ser amigas. Cada criança cria uma personagem, elege um nome a sua personagem e um enredo com os legos. O que se vê é Nicole, Nicholas e Marianne brincando juntos e exercendo o direito à brincadeira como essência fundamental da Educação Infantil, que está sendo respeitada pela professora.

A criança gosta de ficar sozinha, gosta de ficar com adultos, mas do que ela mais gosta é de ficar brincando com seus pares, imitando, reproduzindo e recriando, enfim, criando cultura infantil. (FARIA, 2007, p. 78)

Esta cena revela a interação das crianças enquanto produtoras de cultura. Assim como Faria descreve no excerto acima estão realizando uma brincadeira própria, só delas. Mas também demonstra o pertencimento de Nicole a turma. As crianças sentem que Nicole faz parte do grupo, e a Nicole se sente parte do grupo. São neste tipo de experiência que alguns dos paradigmas da inclusão estão presentes, tais como a dimensão ética e de valores a que Plaisance se refere.

A noção de ética se refere aqui aos valores fundamentais do ser humano, àquele que vale para todos. Ela se anuncia sob a forma dos direitos fundamentais. É a afirmação essencial de igualdade de direitos. (Plaisance, 2004, p. 11)

A professora trabalha com as crianças de uma maneira que elas possam aprender a respeitar os outros, respeitar as diferenças e aprender a lidar com elas, de forma ética, valorizando todas as crianças sejam quais forem seus atributos pessoais. Também está presente a legitimação do direito de Nicole e das demais crianças estarem juntas na escola, independente das características pessoais e especificidades sociais.

Nesta cena Nicole está sentada na mesa com a pesquisadora, Nicholas e Marianne. A atividade proposta pela professora consiste em pintar com caneta esferográfica um desenho, deveria se usar uma canetinha de cada vez, e após usá-la, tampar e guardar para então escolher outra cor, Nicole pede para as crianças lhe entregarem as canetas que ela irá guardá-las. Nicholas diz que ela não consegue tampar a caneta, ao ouvir isto, Nicole tampa e guarda uma das canetas na frente de Nicholas, demonstrando a sua capacidade

ao colega.

(Caderno de campo)

Neste caso Nicole não está sendo considerada “para além de seu estigma”, pelo contrário por causa de sua condição enquanto uma criança que possui uma deficiência. Está sendo conferida a Nicole a marca da incapacidade, para Nicholas, Nicole não pode tampar a canetinha. Talvez ele imagine que por ter dificuldades para se locomover ou para segurar o garfo na hora da refeição, também teria dificuldades de tampar a caneta. Segundo Goffman “Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original” (1891, p. 8).

A necessidade que Nicole sente em se firmar perante o colega, é uma necessidade legítima, de mostrar ao outro o potencial próprio, de capacidade. Esta não é apenas uma situação que ocorreu na escola, a maioria das pessoas com deficiência precisam se firmar perante os outros, o descrédito por parte do outro, acontece, muitas vezes, até pelo caráter de exclusão que historicamente se conferiu a aqueles que possuem um tipo de deficiência, não conhecerem o outro pode trazer a imagem de que ele é incapaz de certas atividades.

Nas relações entre as crianças também pode se analisar a presença de conflitos, nos quais não se percebe empatia entre as crianças para com Nicole, como é a aceitação por parte do outro o mote para o estigma, é possível que Nicole em algumas situações enfrente o estigma. Algumas cenas demonstram a forma como Nicole, em alguns casos, sofre estigma pelos colegas.

Durante o almoço, enquanto as crianças já estavam servidas, Nicole esperava que Grazie cortasse a carne em seu prato. Gustavo olhou para mim e disse na frente da Nicole:

- A Nicole come assim ó.

Fez gesto de alguém comendo com a mão e se sujando inteiramente. E riu.

Em outro momento Marianne vem choramingar para mim;

- O que aconteceu Mari?

- O Juan me chamou de Nicole, eu não pareço com ela. (Caderno de campo)

Se algumas crianças da creche riem de Nicole, ou se não querem se parecer com a menina isso se deve a falta de aceitação por parte de algumas crianças. Essa é uma das facetas do estigma, fazer com que os outros não aceitem as qualidades que a pessoa tem além do estigma.

De certa forma, o estigma a que Nicole está submetida é ligada a situação histórica de se-

gregação social, que excluía a pessoa com deficiência do convívio relacional. Por tanto as crianças, assim como a maior parte dos adultos, não foram ensinadas a conviver com quem é diferente de si. O desconhecimento leva, muitas vezes, para o preconceito.

Essas relações conflitantes, que acontecem na escola, refletem a sociedade excludente na qual as crianças vivem. Quanto mais cedo a criança com deficiência aprender a lidar com as situações de conflitos, mais fácil será lidar com estas situações.

Os diferentes momentos observados, citados neste artigo, são contraditórios. Hora Nicole é aceita pelo grupo, hora se vê o estigma presente no mesmo grupo. Essas contradições revelam a complexidade nos processos de inclusão escolar.

As observações feitas no cotidiano da creche, e os trabalhos revisados de autores como Goffman e Plaisance identificam, de modo geral, uma aproximação das concepções da educação inclusiva como algo que ainda precisa se afirmar frente à comunidade escolar, de modo geral, em determinadas situações, as crianças com deficiência sofrem estigma pelas demais crianças por seu aspecto peculiar, as professoras sentem-se pouco preparadas para lidar com a diversidade em sala, no entanto, a deficiência é apenas mais uma destas questões.

Por ser essa uma turma tão heterogênea, uma das questões que se levanta é se os profissionais estão em condições de educar sem discriminar meninas e meninos, pobres e mais afortunados, negros e brancos, crianças com deficiência ou sem deficiência.

Durante as observações em sala pode-se notar diferenças relevantes entre posturas de professores, pais de alunos e funcionários da escola sobre as crianças que estão sendo observadas, geralmente as crianças são mais ou menos receptivas a alunos que possuam alguma dificuldade cognitiva quando observam o mesmo comportamento entre os adultos.

Esta prática escolar demonstra a ideia de Plaisance, de que a educação inclusiva só pode acontecer quando houver uma revolução cultural e quando as barreiras colocadas contra a inclusão pela sociedade forem superadas para que todas as crianças e não apenas as mais adaptáveis possam se beneficiar da educação escolar (2004).

## Discussão

A educação inclusiva implica em novas e não conhecidas bases pedagógicas. Isso porque, de

certa forma, trata-se de ideais recentes no escopo da educação. Não se pretende descrever aqui soluções de como se criar essas novas bases, nem muito menos, dar receitas prontas de como lidar com os conflitos que são inerentes aos convívios interpessoais. Pretende-se, apenas, discutir algumas das conclusões, que emergiram das observações do cotidiano da Educação Infantil, no qual interagiram crianças sem e com algum tipo de deficiência. As ideias que serão apresentadas aqui não são novas. São ideias, em sua maioria, baseadas em autores, tais como Mendes, Amorim, Ferreira que lidam há muito tempo com estas questões. Ideias, estas, que, de certa forma, podem ser adaptadas para diferentes níveis escolares, realidade econômica das crianças e a diferentes professores.

Em primeiro lugar é preciso compreender que este é um campo cheio de desafios, com muitas barreiras, como acertadamente diz Plaisance (2004). Os conflitos aparecem no cotidiano escolar, porque este é um local que prioritariamente abriga a diversidade de povos, raças, gêneros e em algumas salas de aula, para agregar a toda essa diversidade, pessoas com deficiência. Um lugar tão heterogêneo tem, por si só, conflitos, mas acrescida de um novo ator neste cenário, as dificuldades são ainda maiores.

A professora não pode estar ingênua para com estes desafios. Ela precisa sempre se questionar e participar de espaços de discussão, nos quais possa argumentar, tentando compreender quais são esses desafios, e em que medida pode agir sobre eles para avançar em seus projetos.

Como a educação é uma instância privilegiada na sociedade, é nela, que há a possibilidade de intervir para corrigir e até evitar práticas intolerantes, propiciando entre os diferentes atores sociais o respeito e a solidariedade. Para tanto é preciso elaborar procedimentos junto as crianças, relativo aos valores nas relações interpessoais. Criando neles identificação, empatia e afetividade. Desta forma, se faz necessário saber quem é este aluno com deficiência, quais as suas origens, quem é a sua família, qual é a sua bagagem enquanto estudante, sempre tendo a postura de olhar para o aluno a partir de suas capacidades, sem deixar de lado, as necessidades deste aluno.

Sendo assim, as professoras precisam ter em mente, qual é a sua bagagem, sua formação durante a graduação e a formação enquanto professor atuante no ensino. Analisar quais os significados que ela possui sobre a educação, escola, deficiência, diferença, doença, integração, inclusão, exclusão. Sempre pensando, escrevendo e discutindo sobre isso. Para que, na escola, sua postura seja coerente com a educação que almeja alcançar.



Paralelamente as necessidades que se fazem presentes nas posturas do professorado, a inclusão é um processo que demandam diversos atores em um trabalho coletivo, no qual a direção e a coordenação escolar devem realizar os encaminhamentos e solicitar os serviços, estabelecendo parcerias e convênios, buscando acesso e suporte em órgãos variados. Além da possibilidade de discussão com diversos profissionais de diferentes áreas como a Terapia Ocupacional e a Psicologia, por exemplo. Além é claro, caso haja a necessidade, de alguém que auxilie a pessoa com deficiência dentro da escola.

Estas ideias são simples, mas podem auxiliar a escola em seus desafios de atender a diversidade de crianças, que interagem entre si, de maneira, muitas vezes, conflituosas, para que todos alcancem sucesso e permaneçam durante toda a trajetória escolar, não apenas na Educação Infantil, de fato, aprendendo.

## Conclusão

Entre os resultados encontrados se conclui que a pesquisa com abordagem etnográfica auxilia nas discussões de como se dá a interação entre as crianças no cotidiano educativo. O que foi visto foram à existência de complexas contradições entre as interações das crianças, hora podia-se observar respeito, ética e valores entre as mesmas, hora a presença do estigma.

Na relação entre os adultos e as crianças houve respeito e adaptações do material, apenas para uma criança que possui laudo médico, atestando a deficiência, já para a criança que aparenta possuir deficiência, mas que não há confirmação, os tratamentos foram outros, este fato aconteceu talvez porque a aluna estava “excluída no interior” da escola, e as observações de Bourdieu nesta questão se mostraram relevantes, isto porque ela infringia as regras sociais para alguém que não possui deficiência, se tornando uma outsider, conceito importante postulado por Becker.

## Referências

AMORIM, K. S. ; FERREIRA, M. C. R. ; RORIZ, T. M. S. Inclusão social/escolar de pessoas com necessidades especiais: múltiplas perspectivas e controversas práticas discursivas. In *Psicologia USP*, v. 16, p. 167-194, 2005.

FANTIN, Mônica. Jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1996.

FARIA, A. L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina Silveira (orgs.) Educação Infantil Pós LDB: rumos e desafios. Campinas/SP, Editora da UFSCar, 1999, p. 67-97. (e Posfácio da 6ª ed.)

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GOBBI, M. Ver com olhos livres: Arte e educação na primeira infância. In FARIA, Ana Lucia G. de (org) O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007, p. 29-54.

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. LTC, 1891. 4ª ed. Disponível em: <http://www.se-rj.com.br/IBMR/TEXTOS%20IBMR/institucional2011sem01noite/ESTIGMA.pdf> Acesso em 28 de março de 2011.

MENDES, E. G. A. radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. In Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

PLAISANCE. E. Sobre a inclusão: do moralismo abstrato à ética real. In: CENP, São Paulo, 2004. Disponível em: [http://cenp.edunet.sp.gov.br/cape\\_new/cape\\_arquivos/eventos1.asp.htm](http://cenp.edunet.sp.gov.br/cape_new/cape_arquivos/eventos1.asp.htm). Acesso em: 28 de março de 2012.

PRADO, P. D. As crianças pequenininhas produzem cultura: considerações sobre educação e cultura infantil em creche. In Pro-Posições, UNICAMP, v. 10, p. 110-118, 1999.